

Coração e Vida



DE: *Maria Dolores*

POR: *Francisca Cândido Xavier*

CORAÇÃO E VIDA

Ditado pelo Espírito:

Maria Dolores

Psicografado por:

Francisco Cândido Xavier

Publicação original (1978):

Editora IDEAL

www.editoraideal.com.br

© 2013 – Brasil



Coração e Vida

DE: *Maria Dolores*

POR: *Francisco Cândido Xavier*

Sumário

CORAÇÃO E VIDA — pag. 5

- 1 - Palavras da vida — pag. 6
- 2 - Renúncia maternal — pag. 7
- 3 - Anseio e prece — pag. 10
- 4 - O irmão da caridade — pag. 11
- 5 - Presença de Jesus — pag. 14
- 6 - Não digas — pag. 16
- 7 - Conversas — pag. 17
- 8 - A promoção — pag. 18
- 9 - O poder da prece — pag. 22
- 10 - Todos ricos — pag. 26
- 11 - Diante do mundo — pag. 27
- 12 - Canção da esperança — pag. 29
- 13 - História de uma festa — pag. 30
- 14 - Amor e perdão — pag. 33
- 15 - Prece — pag. 35
- 16 - Um retrato do aborto — pag. 36
- 17 - Caminho de elevação — pag. 39
- 18 - Cantiga da reencarnação — pag. 40
- 19 - Alma de artista — pag. 43
- 20 - Amor materno — pag. 44
- 21 - Canção da fé — pag. 47
- 22 - História de um cão — pag. 49
- 23 - A mensagem da rocha — pag. 52
- 24 - Tempo e vida — pag. 55
- 25 - A enfermeira do além — pag. 56
- 26 - Súplica de todos — pag. 59
- 27 - Paterno amor — pag. 61
- 28 - Encontro da fé — pag. 64
- 29 - O culpado vê culpas — pag. 65
- 30 - Lenda sublime — pag. 67
- 31 - Justiça — pag. 68
- 32 - Indulgência e nós — pag. 71
- 33 - Canção do tempo — pag. 72
- 34 - Cantiga da vida — pag. 74
- 35 - Prece por auxílio — pag. 76
- 36 - Prece de louvor — pag. 77
- 37 - Aviso — pag. 78

Coração e Vida

Leitor Amigo,

Ajustando o coração, qual se fora um violino de luz incrustado à própria vida, Maria Dolores nos endereça este livro.

Vibrante de fé e elevação, a irmã que se dedicou a traduzir observações e vivências em melodias do sentimento revela-nos a compreensão e a grandeza, que lhe assinalam as manifestações, e, cada página deste volume que mais se assemelha a um concerto da verdade em música de ternura e paz, amor e esperança.

Dispensando apresentações que lhe estacam os méritos — ela que já possui toda uma nobre e extensa legião de amigos e admiradores a lhe acompanharem, na Terra, o brilho da ascensão espiritual — nos entrega a própria alma neste livro, convertido em escrínio de bênçãos.

Imaginemo-nos, desses modos, instalados, ante a ribalta da vida e ouçamos, através da leitura, o concerto de júbilo e renovação, beleza e encantamento que Maria Dolores, tangendo o próprio coração, nos oferece por festa de luz, em nome do Senhor.

Emmanuel

(Uberaba, 18 de abril de 1978)

1

Palavras da Vida

Levanta-te, cada dia,
Pensa em Deus, louva e agradece,
Mesmo num lance de prece
A bênção de trabalhar
E cumpre as obrigações
Que a vida te deu às horas,
Doando a paz onde moras,
Partindo do próprio lar.

Se resguardas na lembrança
Alguma ofensa sofrida,
Deixa ofensa esquecida
Na luz eterna do bem;
Não busques descanso inútil,
Trabalho é apoio preciso,
Não afastes teu sorriso
Do coração de ninguém.

Exerce a beneficência
Das palavras benfazejas,
Se não tens o que desejas,
Contenta-se no que tens;
Às vezes, para quem sofre,
Um momento de alegria
No abraço de simpatia
É sempre o melhor dos bens.

Nunca esmoreça. Trabalho
Aprimora o mundo todo,
Muita flor nasce do lodo
Muito amparo vem da dor...
Serve, ensina e reconforta
Na fé viva que te alcança,
Entre as luzes da esperança
Começa o reino do amor.

2

Renúncia maternal

A senhora ofegante agoniza no leito.
Ministrara-lhe o filho
Para acalmar-lhe a dor medicação suposta...
Agora compreendia...
Era um crime perfeito
E o coma inesperado
Atingia-lhe, em cheio, por resposta:
Ali estavam ambos. Noite alta.
O rapaz não percebe
Toda a extensão da própria falta.
Na câmara trancada, ela jaz consciente;
Não teria suposto o filho amigo e inteligente
Que ela criara aos mimos,
Entre risos e beijos,
Para brilhar nos grandes cimos
Do campo social,
Capaz de impor-lhe assim,
Tão doloroso fim
Na moldura do mal.

Ao derradeiro olhar da vítima que sofre,
O rapaz abre o cofre
E retira o dinheiro ali depositado,
Além da grande soma de contado,
Ele, o moço infeliz,
Furta os brilhantes e os rubis,
Os adereços de ouro, as pedras raras
E as coleções mais caras
Que falavam tão alto ao coração materno...
Vendo que a genitora nele fixa o olhar piedoso e terno
Ao entregar-se a morte,
Ele, calmo, efetua o lúgubre transporte
Do tesouro que passa a usufruir
Para local
Que ninguém, mas ninguém da moradia enorme
Poderá descobrir

Logo depois, enquanto a casa dorme,
Ante a mãe morta, agora enrijecida,
Ele prepara a cena pela qual
Ela será interpretada
Na condição de pobre dementada
E doente suicida.
Por detalhe final
Coloca junto dela
Uma taça de estranho corrosivo,
Um veneno letal
Tisnando o guaraná inofensivo.
Em seguida, abre a porta,
Conclama servidores,
Grita clamando a dor que o desconforta,
Diz que a mãe se fizera
Lamentável suicida,
Por sofrer grande tédio em toda a vida...
Roga estejam presentes
Autoridades competentes,
E, após o barulhento funeral,
Ei-lo rico, afinal,
Na sede de fazer no mundo o quiser,
Sem recordar sequer, que acima das criaturas e das cousas
Outra vida palpita além das lousas.

Mas, no Além, oh! Segredo soberano,
Aquele mãe liberta,
Sente falta do filho desumano,
Reconhece que o ama e nota que o perdoa,
Imensamente terna e imensamente boa...
Mostrando o coração por brilhante luzeiro
Ante as Mansões da Paz, encontra um mensageiro
Que lhe oferece os Céus por recompensa...
Ela, porém, humilde,
Disse não esperar
Poder subir, sozinha, aos sóis do Eterno Lar;
E porque o mensageiro lhe indagasse
Sobre o que mais desejaria,
A explicar-lhe
Que o mérito alcançado
Não lhe impunha incerteza ou qualquer empecilho.
A pobre replicou, timidamente:
— Creio eu que o Senhor

Coloca o nosso céu onde está nosso amor!...
Anjo bom, se Jesus terno e clemente,
Pode ainda me ouvir, por imensa piedade,
Quero dizer que não desejo
Outra felicidade,
Outro céu e outro brilho,
Nem qualquer redenção,
Além da permissão
De voltar para a Terra e proteger meu filho!...

3

Anseio e prece

Senhor!...

Sei que nos deste a todos

Um encargo ou missão.

Nada promoves sem objetivo,

Nada fazes em vão.

 À estrela conferiste

 A benção de aguentar-se e refulgir sem véu,

 Tal qual sucede ao Sol que nos conduz

 Pelas vias do Céu.

Atribuístes à Terra

A função de compor e recompor

A forma em que o trabalho nos confere

A ciência do amor.

 Colocaste no mar a investidura imensa

 De externar-te o poder

 E a fonte o privilégio de ensinar-nos

 A humildade por norma e o perdão por dever.

Comissionaste as árvores amigas,

Em que a lição do bem se exprime e se condensa,

Para a tarefa de guardar-te a vida

E auxiliar sem recompensa.

 Doaste à flor o dom de perfumar

 E puseste na estrada o dom de conduzir,

 Deste música às aves, deste ao vento

 O doce ministério de servir.

Tudo te filtra a glória soberana,

Tudo te exalta a Lei,

Em razão disso, eu própria reconheço

Que quase nada sou e quase nada sei

 Mas se posso pedir-te alguma coisa,

 Converte-me, Senhor, a própria imperfeição

 Num canal pequenino que te mostre

 A força da bondade e a luz da compaixão.

4

O irmão da Caridade

Frei Damião vivia numa choça,
 A mais humilde que idear se possa,
 Um recanto perdido, entre serros perdidos,
 Amparando aos doentes e aos caídos.
 Mãos calosas na gleba, ele mesmo produz
 O pão que come e a roupa que o reveste
 E agora mais cansado, mais sozinho,
 Acolhe os viajantes do caminho
 Quais se fossem Jesus.

Era assim que vivia o serve do Senhor:
 Coração transformado em pousada de amor.
 Aos romeiros sem lar, de visita à choupana,
 A lhe pedirem rumo, amparo e vida nova
 Sabia atenuar os rigores da prova,
 Doando-lhes consolo à rude estrada humana.
 Fosse ao pranto de mãe, fosse a triste mendigo,
 Aos enfermos sem fé que o desespero alcança,
 Aos famintos de pão, às almas em perigo
 Entregava o socorro e a benção de esperança.

Assim envelhecera Frei Damião
 Sentindo Jesus Cristo em cada coração.
 Quanto tempo vivera não sabia,
 Auxiliava a todos, noite e dia...
 Mais tarde, adoeceu... E, mesmo assim,
 Curvado para a Terra, erguia as mãos trementes,
 Socorrendo viajores e doentes,
 Embora sempre a febre a recordar-lhe o fim...

De corpo gasto e desarticulado,
 Numa noite de gelo, ele escuta um chamado:
 — Damião, Damião, há mau tempo, abre a porta,
 Liberta-me do frio que me corta!...

Levanta-se o velhinho e abre a cabana estreita,
Vê diante de si um enfermo que se arrasta,
Nota-se o corpo em lepra, a desfazer-se todo,
É um pedinte de estrada em chagas, sangue e lodo...

— Abriga-me hoje só — ele diz, suplicante

Damião não vacila e dá-lhe o próprio teto.
Lá fora, a ventania é o tumulto completo.
Ulula o furacão desatado e violento,
Tombam troncos viris aos arrancos do vento...

— Tenho fome, Damião -- clama o recém-chegado
O velhinho febril treme, avança, tateia,
Procura o pão guardado
E dá-lhe o pão que tem, entre o prato e a candeia.

— Tenho sede, Damião, pede o estranho viajor,
trago a garganta em fogo, em tremenda secura...
Damião traz-lhe um pouco de água pura
E o pobre continua, em voz lenta e magoada:

— Tenho frio, Damião, sofri muito na estrada...
O irmão da caridade não hesita,
Dá-lhe a pele de urso que o recobre,
Entretanto, o infeliz, tão triste quanto pobre
Exclama: — estou cansado, a inquietação me agita,
Ajuda-me a dormir
Quero um leito, Damião...

Damião dá-lhe o leito e se deita no chão.
Mas o pobre na cama, agasalhado e quente
Roga em pranto: Damião, tenho o corpo doente,
Aquece-me, por Deus, tenho a carne ferida,
Vem a mim!... Teu calor pode salvar-me a vida!...

Damião, não vacila, ergue-se com carinho,
Ele conhece a dor dos tristes do caminho...
Lembra outras noites más, chuvosas e nevoentas,
E abraça-lhe, ao deitar-se, as chagas purulentas...

Mas nisso a choça escura se ilumina...
Damião sente um coque... E busca o itinerante
Mas já não vê o pobre suplicante...
Erguera-se o mendigo,
Mostra um rosto diverso e um sorriso sereno...
Ajoelha-se, à pressa, o irmão dos infelizes
E no pranto a banhar-lhe o rosto em cicatrizes,
Reconhece no estranho o Mestre Nazareno.

Ele fita em Damião o olhar de amor e luz,
E enquanto a tempestade estraçalha o arvoredado,
Como quem sente o Céu em divino segredo,
Damião deslumbrado,

Tendo o Amigo Celeste, lado a lado,
Diz apenas: — Jesus!...
O Mestre se aproxima e fala-lhe, de manso:
— Damião, vem comigo,
encontrarás agora o tempo do descanso...

No outro dia, mais cedo, outro irmão aparece
Vem rogar a Damião a bênção de uma prece,
Mas verifica em mágoa e desconforto:
O irmão da caridade estava morto,
No entanto, qual se o corpo imóvel resguardasse
Recôndito vigor,
Trazia na algidez da própria face
Uma expressão de paz e um sorriso de amor.

5

Presença de Jesus

Afirmas, muita vez, alma querida,
Em fervorosa prece:
— "Quero, Jesus, servir e cooperar contigo!... Ah! Senhor, se eu
pudesse!..."

Depois, declaras-te sem forças.
Pensa, entretanto, nisto:
Podes ser hoje mesmo, onde estiveres,
A sublime extensão da bondade do Cristo!...

Fita a sobra da mesa que te ampara:
Utilizando um pão, simples embora,
Consegues replantar as flores da alegria
Na penúria que chora.

Considero o montão de bens que atiras longe
Sem sentir, sem pensar, insequentemente:
Descobrirás nas mãos o privilégio
De estender reconforto a muita gente.

Lembra a moeda, tida por singela:
Escorada na fé que te bendiz,
Transforma-se na xícara de leite
Que socorre e refaz a criança infeliz.

Detém-te nos minutos disponíveis:
Ao teu devotamento se farão
A visita, a bondade, o carinho e o consolo
Para o enfermo largado à solidão.

Trazes contigo os dotes da brandura:
Ante os golpes do ódio explosivo e violento,
Guardas a faculdade de extinguir
O fogo da revolta e o fel do sofrimento.

Observa o tesouro da palavra:
Se envolvida de paz, a tua frase alcança
Todo aquele que cai na sombra da tristeza
Para erguer-se de novo ao toque da esperança.

Não te digas inútil, nem te omitas..
A trabalhar, servir, amparar, recompor,
Serás, alma querida, em qualquer parte,
A presença do Cristo em teu gesto de amor.

6

Não digas

Não digas: “não sou feliz”
Ante a dor que te acrisola;
A Terra é sublime escola,
Lembrando imenso jardim;
Fita o quadro que te cerca:
Do mar às mínimas fontes,
do abismo ao topo dos montes,
Tudo é vida aos Céus sem fim.

Não fales que vês apenas
Seres fracos e infelizes,
Trevas, chagas, cicatrizes,
Tristeza, nódoa, pesar...
Recorda que não cresceste,
sem apoio, sem afetos,
sem os laços prediletos
que brilham no próprio lar.

Não fales que a solidão,
Fez-se-te o mal sem remédio,
Que nada te cura o tédio
Que não sabes de onde vem;
Sai de ti mesmo e olha em torno:
Verás, por todos os lados,
Os irmãos infortunados
Rogando o amparo de alguém.

Não digas que tudo falha,
Que acima de qualquer crença,
Vale mais a indiferença
Dos que se fazem ateus;
Conta as forças que te apoiam...
Decerto perceberás
Que a luta é o preço da paz
E tudo é benção de Deus.

7

Conversas

Onde estiveres, anota:
Se surgem lutas e crises
Com momentos infelizes
De verbo candente e vão,
Escuta com paciência,
Ajuda, ampara, abençoa
E lança a palavra boa
Que anule a perturbação.

Opiniões, confidências,
diálogos, comentários,
São forças de efeitos vários
que se ampliam a granel;
Há palavras que são flores,
Outras recordam espinhos
Nos lares e nos caminhos
Espalhando fogo e fel.

Estende luz e esperança,
Fala no bem quando fales,
Que a Terra já tem por males
Penúria, tristeza e dor;
Jesus nos pede a palavra
Para entender e servir,
A fim de erguer no porvir
O Reino de Paz e Amor

8

A promoção

Resplendia o jardim celeste em pleno Espaço.
Era o maravilhoso dia
De alto deslumbramento
Do encontro de união e de alegria
Dos que haviam servido, passo a passo,
Nas tarefas do amor sem recompensa
Na Terra, onde o egoísmo
Tanta vez se condensa.

Era uma nesga azul de solo rarefeito
Matizada de flores
Bordadas de arabescos multicores
Onde podia respirar apenas
quem já pudesse irradiar
As vibrações serenas
Da fé sublime alçada ao bem perfeito.

Não eram muitos os conquistadores
Daquela posição de excelsos resplendores;
Quarenta e dois Espíritos somente,
Todos eles modelos de bondade,
Eram ali o escol da Humanidade,
Em atitude calma e reverente
Esperando a sonhada promoção
Que constaria do poder
de elevar-se à próxima ascensão.

Na luminosa e ilustre confraria
Estavam sacerdotes de renome,
Filósofos, notáveis pensadores,
Nobres mulheres, santas heroínas,
Monges mostrando fronteiras peregrinas,
Jovens que haviam sido vencedores
De tentações terríveis...
Todos trocavam frases de altos níveis...
Somente alguém, ali, em meio a tudo,

Que era festa de brilho e de beleza,
 Parecia um mendigo triste e mudo,
 Era o irmão Jonaquim,
 Desconhecido entre os demais...
 Vestia-se com peles de animais,
 Remarcadas de lama...
 Na expressão rude e feia,
 Exibia sinais de sangue, lodo e areia;
 Jazia ele a um canto, humilde e pensativo,
 Enquanto o grupo conversava em festa.

Chegando o instante, enfim,
 Da nobre promoção;
 Aquele dos presentes que tivesse
 O menor peso espiritual
 Seria alçado à frente
 Do caminho esplendente
 Para mansões mais altas e mais belas
 Da Vida Universal.

Vieram ao recinto os dois encarregados,
 Ambos chamados Anjos da Balança,
 E os candidatos sem qualquer despeito,
 deixaram-se pesar num instrumento perfeito
 Que lhes patenteava
 A evolução imensa...
 E o peso de cada um
 Era leve, tão leve,
 Que não se via quase
 Uma pequena base
 Para que se notasse a diferença...

O recatado Jonaquim
 Ficou de longe, muito ao longe,
 E sendo o último no exame
 foi chamado por fim.
 Ele veio acanhado,
 Pés descalços no apoio de um bordão,
 E um dos dois mensageiros perguntou:
 — Jonaquim, meu irmão,
 Dizei: qual foi na Terra a vossa religião?
 Precisamos aqui de vossos dados
 Para serem por nós
 Devidamente revisados.

No entanto, Jonaquim, humilde, respondeu:
— Anjo bom, sou sincero... Crede!...
Eu Não tive sobre a Terra a fé pregada,
Acreditei, como acredito agora
Na presença de Deus que nos guarda e aprimora,
Entretanto,
Por mais que eu desejasse procurar
Um templo ou algum lugar
Para aprender como se adora a Deus,
Nunca pude sair
Da choça em que morei, ao pé de antiga estrada,
Onde os que sofrem eram irmãos meus...
Era um deserto a terra em que vivi...
Despendi muito tempo
A transportar crianças e doentes
Que ansiavam por água em solos diferentes...
Minha estreita choupana
Era uma porta aberta à desventura humana...
Ouvi a confissão de míseros velhinhos
Que clamavam, em vão, pelos parentes,
Agonizando, desvalidos,
E aguardando, de balde, os próprios descendentes...
De quantos eu cerrei, na morte, os olhos baços
Não saberei o número por certo...
Só Deus sabe os que vi morrendo nos meus braços
E os que enterrei, a sós, na penúria sem nome,
E as crianças sem apoio que me buscavam,
Sentindo sede e fome...
Deus me perdoe se nunca fui às crenças
Para estudar a fé e entender diferenças...
Ouvi dizer, na Terra, que houve um homem
Que nunca descansou, fazendo o bem,
Que amou aos bons e aos maus sem ferir a ninguém!...
Ah! Como desejava tê-lo visto!...
Dizem que se chamava Jesus Cristo;
Nunca lhe ouvi, no mundo, os lúcidos ensinamentos
E ouvi também dizer que por serem divinos
Ele morreu na cruz...

A pequena assembleia
Escutava expectante e enternecida
Aquele que soubera amenizar a vida.
E os Anjos da Balança

Puseram Jonaquim, sob exame preciso,
Em nome de Jesus...
Depois anunciaram num sorriso
Que o velho Jonaquim tinha o peso da luz.

9

O poder da prece

O jovem milionário
Adamastor Macário,
Rapaz rude e violento,
Derramando alegria,
Sentia-se feliz em seu mais belo dia,
Pois era o dia de seu casamento.

No palácio rural de sua habitação,
Tudo era festa em ascensão.

Pela manhã, porém, ele recebe à porta
Uma pobre viúva, a carregar nos braços,
Um filhinho de meses,
Portador de moléstia fulminante...
Sentindo a morte a lhe rondar os passos,
Dirige-se a Macário e pede suplicante:

— Socorre-nos, senhor,
Salve meu filho! Pague-lhe um tratamento...
E rematou com lágrimas na voz:
— Por amor a Jesus, tenha pena de nós!...

Com surpresa geral, Adamastor
Não se fez rude como de outras vezes,
Fitou o pequenino,
Compadecidamente,
Depois recomendou a um antigo empregado:
— Leve a criança ao médico... Ação pronta.
Em seguida,
Busque a farmácia com presteza,
Seja o gasto que for, qualquer despesa
Corre por minha conta...

A viúva, andrajosa e enternecida,
Agradeceu-lhe a caridade,
Qual se estivesse recebendo
No filho em tenra idade
Plena renovação da própria vida.

Adamastor, porém,
Mesmo casado
Continuou brutalizado
E um modelo completo de avareza...
Recolhia, ele próprio, as migalhas da mesa
Que sobrassem de cada refeição
Para fazer negócio, às escondidas...
E ei-lo, dia por dia, a repetir fremente,
Na mais estranha desesperação:

— Dinheiro, sim... Beneficência, não...
Nada me peçam que não dou vintém,
Não dou nem mesmo um pão à fome de ninguém.

O tempo foi passando,
Pedisse quem pedisse,
A resposta era não...
Toda aquela secura
Parecia loucura
Em vez de sovínice.

Talvez decepcionada, alma triste e vazia,
Com as atitudes do marido avaro,
Breve, morreu a esposa em desamparo,
Sem deixar-lhe um só filho à casa enorme e fria...

Mais tempo decorreu e Macário a lutar,
sem qualquer companheiro,
Só queria dinheiro e mais dinheiro...
Até que, um dia, a morte veio arrebatá-lo.
Adamastor, velhinho,
Num lance do caminho,
Caíra do cavalo,
Fora pisoteado e,
ante as perdas de sangue,
Gritava, agonizante, entre as pedras de um mangue:

— Eu não quero morrer, eu não quero morrer...
Mas a morte, por si, não queria saber
Se ele queria ou não
E, assim, agiu na hora...
Desencarnado agora,
O antigo milionário,
Sente-se louco, aflito e solitário,

Sob o fardo das lágrimas que leva..
Só pensava em dinheiro e via-se na treva..
Era um mendigo apenas
Que somente trazia
A lembrança vazia
De moedas terrenas...

Cego, desesperado, atônito, sozinho,
Fez-se triste fantasma, errando no caminho..
Até que, num momento inesperado,
logo após largo tempo em profunda cegueira,
sentiu algo a buscar-lhe os íntimos refolhos,
uma luz que lhe dava outra luz para os olhos..
fitou, em derredor, e notou espantando
que uma pobre velhinha orava junto dele,
quase que, lado a lado;
e ouviu-a murmurar, em voz segura e mansa,
como se lhe trouxesse a bênção da esperança:

— Rogo, Deus de Bondade, ao teu imenso amor,
Ele foi para mim de uma bondade rara,
Não te esqueças, Senhor,
Que um dia ele salvou o meu filho que me ampara..
Abençoa, meu Deus,
Quem foi em nossa casa
O grande benfeitor!...

O antigo milionário,
Sob um clarão divino,
Recordou a chorar o passado momento
Em que ajudara a um pequenino,
No dia justo de seu casamento...

Banhado em nova luz
Ele gritou: — Por quê? Por que, Jesus?
Não dei tudo o que eu tinha e tudo quanto quis,
A fim de ser agora mais feliz?
Era tarde, porém... Precisava voltar..
Renascer sobre a Terra,
Aprendendo a servir, a compreender e amar..
Nesse instante, contudo,
Retratava na face,
Embora atarantado, ansioso e mudo,
O júbilo de quem se libertasse

Das algemas de longo cativoiro,
Pois percebia, enfim, que acima do dinheiro,
Mostrava mais poder e muito mais valor
A lembrança de bem numa prece de amor!...

10

Todos ricos

Não digas, alma irmã, que nada tens
Ante a dificuldade em que te recrias,
Na grandeza do mundo em que Deus nos resguarda,
Olha o valor das cousas pequeninas.

Reflete na semente diminuta
Na terra áspera e seca que se enfresta,
Apesar do deserto que a rodeia
Pode ser o princípio da floresta.

Pensa na gota medicamentosa
Na convulsiva dor de impacto violento,
Simples gota, lembrando pétala de orvalho,
Suprimindo o poder do sofrimento.

Fita a mansão moderna alçada ao brilho
Da Terra enobrecida e renovada,
Quanto é pobre de força e segurança
Sem a presença humilde da tomada.

Se, um dia, atravessaste a noite espessa,
Tateando sem rumo dentro dela,
Conheces quanto aflige a escuridão
E quanto vale a chama de uma vela.

Não digas, alma irmã, que te sentes inútil,
Não existem no amor donativos plebeus,
Tens contigo a riqueza da esperança,
O sorriso da paz e a proteção de Deus.

11

Diante do mundo

Ante os pesares do mundo,
Observa, alma querida,
A dor que ilumina a vida,
Sob as provas, tais quais são...
A Terra é uma grande escola
De que temos o usufruto,
Lembrando enorme instituto
De trabalho e elevação.

Nascemos e renascemos,
Atendendo a leis concisas,
Conforme as lições precisas
Que temos nós para dar;
No serviço que nos cabe,
Naqueles com quem vivemos,
Jazem os pontos supremos
De nosso próprio lugar.

Nas tarefas em que estejas,
Cumpre o dever que te assiste,
Se a vida parece triste,
Não te queixes de ninguém...
Cada pessoa na Terra
Intimamente é chamada
A servir, de estrada a estrada,
Para a vitória do bem.

O homem robusto e moço
Que administra a riqueza,
Traz, por vezes, rude e acesa,
A fogueira da aflição;
A mulher que exhibe ao colo
A cruz em joias e luzes,
Às vezes tem muitas cruzes
Por dentro do coração.

Nunca censures. Trabalha,
Crê, auxilia e não temas.
Cada qual guarda problemas,
Em forma de sombra e dor.
Quem mais serve e mais perdoa
É aquele que se renova,
Vencendo, de prova em prova,
Na grande escola do amor.

12

Canção da Esperança

Sofres sob pressão de amargas crises
E atravessas momentos infelizes,
Qual se andasses por senda estranha e má;
Mas embora sem forças a que te arrimes,
Não te detenhas, nem te desanimes,
— Outro dia virá.

Se caíste na estrada, ergue-te e lida,
Trabalhar e esquecer é a grande lei da vida,
Porque o tempo a servir, tudo renovará;
A todo ser que chora, a quem luta e se cansa,
Eis que o mundo repete a canção da esperança:
— Outro dia virá.

Olha o tronco podado, amplamente despido,
O solo massacrado, o campo desvalido,
Fita o charco onde está..
Mostram, por fora, a mágoa que os encerra
Mas guardando, por dentro, a mensagem da Terra:
— Outro dia virá.

Desse modo, igualmente, alma querida e boa,
Carrega a própria cruz, ama, serve e perdoa,
O caminho de Cristo é o mais belo que há;
Deus é o Supremo Amor e a Suprema Beleza,
E nos diz pelo Bem, de surpresa em surpresa:
— Outro dia virá.

13

História de uma festa

O palacete brilha. A agitação é imensa.
Lâmpadas recordando opalas e rubis
São postas no jardim para serem acesas,
Orquídeas multiplicam-se nas mesas,
É o natalício em luz da pequena Beatriz.

Ela, o centro da festa, a bela pequenina,
Naquele casarão feito em linhas austeras,
Completava oito lindas primaveras.
Para todos aqueles que a cercavam,
Era sempre gentil, generosa e suave,
Um encanto de menina.

O dia terminava, ante o sol inda quente,
Entretanto, Beatriz,
Muito embora gripada,
Sentia-se feliz
Na ideia de abraçar a muita gente...
A única filha do casal Garcia
Parecia voar num sonho de alegria.
De minuto a minuto, estava à porta grande,
Fitava a rua, em vão, para todos os lados
E perguntava-se, ansiosa,
De onde estariam vindo os convidados.

Quase que de improviso,
Ela enxerga Marcela, armada de sacola,
A menina descalça e maltrapilha,
Que, às vezes, passa ali pedindo esmola
Para ajudar ao pai paralítico e só.
Beatriz sente dó
Da pequena vestida em trapos remendados
E, abraçando-a, anuncia:

— Vem comigo, Marcela, hoje é meu dia,
Quero que comas do meu bolo.
Mas, ao apresentá-la
À senhora Garcia,
Que parece manter-se de vigia,
Nos adornos da sala,
A filhinha acrescenta:

— Mamãe, esta é Marcela,
Que sempre vai ao nosso educandário,
Tem o pai doente e espera o nosso auxílio,
Peço a senhora dar a ela
Um pedaço do bolo
De meu aniversário.
A menina, porém, escuta em desconsolo,
A mãezinha dizer, séria e zangada:

— Por onde foi você
Buscar esta garota esfarrapada?
Nossa festa é de amigos,
Nossa casa não tem ligação com mendigos.
E fitando Marcela, a dama continua:
— Saia agora daqui, seu lugar é na rua...

A menina em andrajos sai correndo,
Mas Beatriz parada,
Sob choque tremendo,
Chora desconsolada...
— Filha, por que você conserva essa mania,
— Diz com severidade a senhora Garcia —
De dar tanta atenção a crianças imundas?
Não mais me traga aqui pequenas vagabundas.
Pouco tempo depois, a festa começava...
Ante o bolo enfeitado e oito velas pequenas,
Vozes erguiam felicitações,
Irmanavam-se os votos e as canções,
E num painel de rosas e açucenas,
Uma orquestra vibrava...

Terminada, porém, a festa linda,
A família Garcia enfrenta o inesperado;
Nove horas da noite... Cedo ainda...
A pequena Beatriz havia piorado.

Tinha a cabeça em fogo, o corpo em febre alta...
O médico é chamado, investiga, examina
E conclui pela voz da medicina:
— Infelizmente, é o crupe... um monstro fulminante...
Vem a medicação. De instante para instante,
A doente piora, agita-se, delira

E pergunta à mamãe: — quem chama e se retira?
Ah! Mamãe, eu já sei quem expulsou Marcela,
Quero dar de meu bolo um pedacinho a ela...
Porque tenho, mamãe,
Tanta roupa guardada,
E Marcela anda assim esfarrapada?
Por que Deus não quis dar a ela, o que me deu?
A mãezinha, chorando, nada respondeu.

Mas Beatriz prossegue: — eu quero ver Marcela!...
Servidores da casa postos à procura
De favela em favela,
Não acharam sinal da pequena criatura...
Finda a noite, ao clarão do amanhecer,
Depois de rápida agonia,
Mal começava o novo dia,
A querida Beatriz, dantes contente e forte,
Desfaleceu, por fim, ante os braços da morte...
Ao ver a filha morta, a senhora Garcia

Gritou a soluçar: — Deus de Imensa Bondade,
Eu sei que o teu amor me ampara e me perdoa...
Clamando a própria dor, em desespero enorme,
Vendo a filha na calma de quem dorme,
Rogou-lhe a pobre mãe, a desfazer-se em pranto:

— Filha de minha vida, meu encanto,
Não te afastes de mim que te amo tanto...
Eu quero ser humilde, ensina-me a ser boa
Não me deixes no mal, volve do Mais Além,
Guia a mim, tua mãe, na prática do bem!...
Mas a meiga Beatriz, agora sem mais dor
E sem dizer mais nada,
Que pudesse afastar o pesado amargor
Da mãezinha cansada,
Estampou sobre a face um sorriso de amor.

14

Amor e perdão

A Madalena fora ao túmulo querido
Entre pedras de extremo desconforto...
Levava flores para o Mestre morto,
Tinha o peito magoado e enternecido.

O Sol reaparecia, resplendente,
A névoa da manhã fundia-se no ar,
Na dourada invasão das flamas do Nascente,
Maria estava ali, unicamente,
A fim de estar a sós, recolher-se e chorar.

A desfazer-se em pranto, ela arguia:
— “Por que, por que Senhor?
Tanta saudade e tanta dor?!...
Toda a felicidade que eu sentia
Jaz aqui sepultada...
Transformou-se-me a vida em sombra e nada
No ermo deste pouso derradeiro...”

Nisso, ela viu alguém... Seria um jardineiro?
Um zelador daquele campo santo?
Mas tomada de espanto,
Viu-se à frente do Mestre Nazareno,
O excelso benfeitor ressuscitado,
A envolver-lhe de paz o coração cansado...
Ela gritou: “Senhor!”
Ele disse: “Maria!”
Ela era a expressão da perfeita alegria,
Ele, o perfeito amor.

Madalena ajoelhou-se e quis beijar-lhe os pés...
— “Maria, por quem és” — explicou-se
“Não me toques, porquanto
não te esperava aqui neste recanto,
e ainda não fui ao Pai revestir-me de luz...”

Maria, surpreendida,
indagou em seguida:
— “Senhor, onde estiveste?
Em que jardim celeste
Encontraste o descanso necessário,
Que vem de Deus, nos dons da paz completa?
Perdoa-me, Senhor, a pergunta indiscreta,
Dói-me, porém, pensar na angústia do Calvário,
Revolto-me, padeço, mas não venço
A mágoa de lembrar-te o sacrifício imenso”

Mas Jesus respondeu:
— “Não, Maria, não fui ainda ao Alto,
Nem me elevei sequer um palmo à luz do firmamento,
Quem ama não consegue achar o Céu de um salto...
Ao invés de subir aos Altos Resplendores,
Desci, mas desci muito aos reinos inferiores...
Despertando no túmulo, escutei
Os gritos da aflição de alguém que muito amei
E que muito amo ainda...
Embora visse Além, a Luz sempre mais linda,
Sentia nesse alguém um amado companheiro,
Em crises de tristeza e de loucura...
Fui à sombra abismal para a grande procura
E ao reencontra-lo amargurado e louco,
A ponto de não mais me conhecer,
Demorei-me a afaga-lo e, pouco a pouco,
Consegui que ele, enfim, pudesse adormecer...”

— “Senhor” — interrogou a Madalena
“Quem é o amigo que te fez descer,
Antes de procurar a luz do Pai?”
Mas Jesus replicou, em voz clara e serena:
— “Maria,
um amigo não esquece a dor de outro amigo que cai...
Antes de me altear à Celeste Alegria,
Ao sol do mesmo amor a Deus, em que te enlevas,
Vali-me, após a cruz, das grandes horas mudas,
E desci para as trevas,
A fim de aliviar a imensa dor de Judas”.

15

Prece

Senhor Deus do Amor Eterno,
Sabemos que nos renovas,
Por meio das grandes provas
Que abalam o coração;
Por isso, não te rogamos
Que nos retire da estrada,
Quase sempre atribulada
De acesso à renovação.

Estamos a suplicar-te
Acréscimo de energia
Nas lutas de cada dia
E amparo libertador!...
Necessitamos de força,
Rogamos-te apoio amigo...
Queremos viver contigo
No reino do Eterno Amor

16

Um retrato do aborto

Perita auxiliar de ginecologia,
Sempre atenta às questões de luxo e reconforto,
A senhora dizia:

— Meu problema não é a prática do aborto,
Tento apenas livrar a mulher desprezada,
Dos desgostos fatais que a esperam na estrada
Quando o homem lhe fere o brio feminino...

Amigos respondiam:

— Mas, no caso, a mulher, ante as leis do destino,
Não será responsável quando aceita
Ser mulher-mãe do filho que carrega?
Se ao homem que a buscou ela própria se entrega?
Sabemos que o espírito enlaça o corpo de que se aproveita
Quando estão, ele e ela, em comunhão perfeita.

A senhora, entretanto, Falava, contrafeita:

— Não protesto, nem digo que estou certa,
Sei apenas que estou em minha profissão,
Tanto quanto angario apreço e estimação,
Creio que faço o bem, liberando a mulher
Do fardo que ela traz quando não quer;
Além do mais, preciso do dinheiro
Para dar minha filha a um caminho seguro,
Uma bela mansão, um marido e o futuro
Sem aflição e sem dificuldade...
Ela agora possui quinze anos completos;
Sonho vê-la feliz ao dar-me vários netos...
Para isso, o dinheiro é a base inesquecível,
Depósito bancário é melhora de nível.
Vejo no meu trabalho um trabalho qualquer
Simples mulher que ajuda a uma outra mulher,
Não tenho hesitação, nem penso quanto a isso,
Aborto é proteção a quem presto serviço;
Desde que a candidata chegue mascarada,
Passo a cumprir o meu dever

E não quero saber
Se veio acompanhada ou desacompanhada,
Se anota o nome ou não,
Não quero queixa, nem complicação,
Cada uma a que atendo é mais seis mil!...

E aditava, esboçando um sorriso gentil:
— Preciso de milhões...
desdobrava-se o tempo, hora por hora,
quando em chuvosa noite surge uma senhora,
pagando a taxa de seis mil cruzeiros.

Ela explica que trouxe uma sobrinha pobre
Para comprar a intervenção...
Declara-se parente e mostra-se incumbida
De socorrer a moça e dar-lhe proteção,
Quer mantê-la, porém, desconhecida...
A senhora ouve, calma, e concorda em seguida:
— Entendo, claramente,
Cada pessoa está em sua própria vida...

Entra no gabinete a jovem mascarada,
Parece muda e surda que se entrega
A uma força terrível, dura e cega...
Ao ver-lhe o corpo verde de menina,
A senhora em ação
Elogia-lhe a pele alabastrina;
Mas, aparentemente sem razão,
Quando o chamado auxílio estava em meio,
Estranha hemorragia surge em cheio...
A jovem geme, a parteira entra em luta...

Nada consegue... O sangue explode e vence-a
A dama ao telefone roga a um médico amigo
Que lhe venha em socorro...
Vê a moça em perigo,
Quer salvar-lhe a existência,
Mas o sangue que sai prossegue a jorro...
Chega o médico à pressa,
Nota a menina em coma...
— Nada mais a fazer — diz ele quando a toma,
A fim de examinar-lhe o pulso e, logo após,
Diz à parteira aflita:
— É uma jovem bonita,

Liberemos a face, enquanto estamos sós.
Ele mesmo retira a máscara em veludo
Quer anotar-lhe o rosto para estudo...

Eis, porém, que aparece
A mocinha, a morrer, num sorriso tristonho,
Qual criança que dorme a fitar a luz do último sonho...
Mas ao ver-lhe, de todo, a face em primavera,
Grita a pobre senhora em gemidos de fera:

— Por quê? Por que, meu Deus, esta dor que me mata?
Em pranto convulsivo a dor se lhe desata...
É que, ao fitar o corpo enfeitado em rendilha,
Naquele rosto lindo e pálido, ante a morte,
A rugir e a chorar sem nada que a conforte,
A senhora encontrara a sua própria filha.

17

Caminho de elevação

Se aspirar a servir, alma querida,
Não deixes de aprender, ante as lições da vida.

Lenha para expulsar o frio que há lá fora,
Converte-se na chama que a devora.

Ouro para vencer em prestígio e valor,
Sofre a depuração, sublimado em calor.

Para chegar de longe, e atender-nos, de todo,
Muita fonte atravessa imensidões de lodo.

Tronco para formar refúgio organizado,
Padece a intromissão da serra e do machado.

Se procuras também, a benção de elevar-te,
Esquece-te amparando o mundo em qualquer parte.

Quem procure por Deus aceite por dever
Trabalhar e servir, suportar e esquecer.

18

Cantiga da reencarnação

Um homem agonizava, mas embora
Não pudesse expressar palavra alguma,
Na sombra interior que o desarvora,
Pede em silencio ao corpo:
— “Ampara-me, por Deus!
Eu não quero morrer, ajuda, corpo amigo,
Não te quero deixar, preciso estar contigo,
Sem ti temo cair em abismos fatais...”

Era o apelo de instantes derradeiros
Naquele portador de moléstia obscura,
Que ainda não chegará aos cinquenta janeiros
E que tudo indicava
Estar descendo à morte prematura.

De consciência lúcida, lembrava
Em contrição sincera,
As forças que gastara, inutilmente,
As noites dos excessos de aguardente
E os abusos sem conta que fizera...

E, ante a morte a surgir, sempre mais perto,
Continua a rogar ao corpo enfraquecido:
— “Corpo que Deus me deu, não me deixes caído,
quero mais tempo, a fim de preparar-me
para aceitar sem medo e sem alarme,
a ideia de perder-te e entrar em rumo incerto”.

Entretanto,
De espírito cansado,
A desfazer-se em pranto,
Nas vascas da agonia,
Ouviu a voz do corpo fatigado,
Que, por fim, lhe dizia:

"Escuta, meu amigo,
eu sou teu servo e sei que és meu senhor,
sempre te obedeci com desvelado amor,
Deus me criou para a missão
De atender-te em completa servidão.
Nunca me viste a desobedecer
As ordens que me destes
Fossem justas ou não,
Porquanto o meu dever
É o de servir-te sem reclamação.
Mas indaga de ti quantas vez me impuseste
Noitadas de prazer, ruinosas ou vazias,
Depredando-me as próprias energias
Que Deus me concedeu, em teu favor...
Embora eu te avisasse
Com a minha própria dor
Que o remorso produz tristeza e enfermidade,
Adquiriste, displicente,
Cargas de sombra sobre a própria mente,
Culpas e culpas sem necessidade...
Repito: sou teu servo e, em nada te condeno,
Mas demonstrando entendimento estreito,
Gastaste-me as reservas sem proveito,
Consumindo-me as forças,
A pedaços de abuso e a doses de veneno...
Dei-te tudo o que eu tinha,
Nada me resta agora,
Senão me recolher à derradeira hora,
Em que eu deva tornar, com segura presteza,
À recomposição da natureza!..."

O homem ouviu o corpo em despedida
Mas não tinha defesa
Contra os próprios desmandos, ante a vida...
No silêncio de mágoa indefinida,

Voltou-se para Deus em oração,
Pedi misericórdia, amparo e proteção,
E, ante o corpo que se lhe enrijecia,
Chorou o companheiro que perdia...
Longo tempo passou, em clima de amargura,
No entanto, ao se afundar em crises de loucura,
Fez-se-lhe a prece continuada,

Nos sofrimentos em que avança
Um clarão de esperança...
Tinha nódoas de culpa, em lágrimas sofria,
Mas, o Céu lhe apontava a luz de novo dia...
No íntimo, o Senhor o exortava somente
A regressar ao mundo e tentar novamente
Extinguir em si mesmo os males que trazia...

O espírito em falência, exânime, inseguro
Pensou nas novas bênçãos do futuro,
Viu a reparação por justiça e dever,
E agradecendo aos Céus
Gritou feliz, livre mas preso ao chão:

— “Glória a Deus pela benção de sofrer,
Glória a reencarnação que obterei um dia,
A fim de achar na dor a essência da alegria,
O Dom de trabalhar e a graça de nascer!”

19

Alma de artista

Deus te abençoe, alma querida e bela,
Na arte a que te dá por luz constantemente acesa
Para exaltar cultura e sentimento,
Aprimorando a Natureza.

Deus te engrandeça no ideal sublime
De usar gesto e palavra, rima e cor,
Ritmo e som, beleza e movimento,
Promovendo na Terra a construção do amor.

Deus te guie nas horas ensombradas,
Quando tudo pareça luta e prova,
Fazendo-se sentir que o sofrimento
É uma força do Céu que nos guarda e renova.

Quando a tristeza venha anuviar-te os dias,
Pensa que Deus criou, em toda parte,
A fim de iluminar os processos da vida,
As interpretações e as maravilhas da arte.

Ninhos e fontes cantam melodias,
Sem que possas medi-las ou entendê-las,
Fita a decoração dos montes e dos vales,
Brilham joias no chão, no céu bailam estrelas.

O firmamento é um palco em dimensões enormes,
Onde o arco-íris é uma prece em cores
E, marginalizando a estrada em que transitas,
O vento rege a dança mística das flores.

Alma querida, nunca desfaleças,
Por maior tua dor, alteia-te e mantém
A vocação de amar e de servir,
Na divina extensão da seara do bem.

Nas mais altas visões em que caminhas,
Que o teu sonho se eleve e amplamente ressoe!...
Alma de artista, gênio, luz, trabalho,
Deus te inspire e abençoe.

20

Amor materno

Depois de zero hora. E a dama recordava
O filho de quem fora venturosa escrava.

No bairro, era o silêncio a dominar nas ruas...
Quantas horas da noite? Um tanto, além das duas...

E a senhora viúva, acostada no leito
Lembrava o filho amado, o jovem belo e forte,
Que o coração de mãe supusera perfeito,
Cuja fuga de casa,
Fora no pai amigo o motivo da morte.

Vinte anos de ausência!... e ela refletia
Em todo aquele tempo de agonia.
O filho que criara, a beijos de ternura,
De quem não descansava na procura,
A quem nunca levava o mínimo desgosto,
E a quem ela e marido haviam dado tudo,
Dinheiro, ostentação, brilho e facilidades,
Buscando adivinhar-lhe todas as vontades,
Recusara o trabalho e renegara o estudo...

Por fim, todo inclinado à cocaína,
Desertou porque o pai tão somente o internasse
Num colégio distinto em que se lhe evitasse
A droga deprimente...
Insone, calma e ativa,
A memória se lhe aviva,
E inacessível a calmantes,
Rememora a tragédia de anos antes.
O moço nunca mais voltara ao lar.
Ralada por extremo desconforto,
Logo após, ela vira o companheiro morto
De saudades e pesar.

Mudara-se de bairro e residência,
 Mas nada lhe alterara as lutas da existência.
 Vinte anos de pranto e de aflição
 Haviam feito dela
 Pobre mãe transformada em sentinela
 Da casa nobre e farta, à espera do rapaz,
 Que lhe arrasara a vida, a segurança e a paz,
 E que ela amava ainda...
 Mas enquanto pensava, ouve ruído leve.
 Escutou, escutou... Alguém de passo curto
 Estava em quarto próximo
 Certamente na prática do furto.

Ao choque, ela chamou, em altos brados,
 A colaboração dos empregados,
 Mas o assaltante se aproxima,
 A valer-se da sombra em todo o espaço estreito;
 Era um homem robusto a lhe cair por cima,
 Cravando-lhe um punhal no velho peito.

Ergue-se um dos vigias,
 Vem às pressas,
 De longe, liga a luz...
 Eis que o quarto se fez de todo iluminado
 E o salteador não foge,
 Sente-se preso à mão que se lhe estende,
 Contempla a vítima que o fita,
 Num transporte de amor com ternura infinita...

Reconhece o semblante maternal
 E a desfazer-se em pranto,
 Ajoelha-se e grita: — "Mãe querida,
 Por que cheguei a tanto,
 A tanto crime e a tanto mal,
 A ponto de acabar com a sua própria vida?..."

A dama retirou a lâmina cravada
 — Doloroso empecilho
 O sangue gotejou da ferida formada,
 E, em seguida, exclamou: — "Ah! Meu filho, meu filho!...
 Que saudades de ti, quanta saudade,
 O tempo parecia a eternidade!..."

Entretanto, o vigia invadiu o aposento,
 Vendo um homem chorando e a dama em sofrimento,
 Quis gritar reagir, austero e humano,
 Mas a senhora diz: — “Ouça, Germano,
 Meu filho regressou, venha conhecê-lo...
 Na precipitação de meu antigo zelo,
 Feri-me por engano...
 Caí sobre o punhal que eu trazia no seio,
 No entanto, estou feliz... Olhe!... Meu filho veio...
 Dê-lhe as chaves da casa,
 Tudo o que tenho é dele, a minha própria vida...”

E conservando a mão sobre a parte ferida,
 Rogou ao servidor:
 — “Chame o médico amigo,
 Transmita a ele tudo o que lhe digo
 E explique este acidente...
 Meu filhinho chegou tão de repente
 Para fazer-me esta surpresa,
 Que caí no punhal em que eu mantinha
 Ou supunha manter minha própria defesa...
 Estou feliz, Germano, mas agora...”
 O servidor gritou: - “Ah! Não morra, senhora!...”

Entretanto, mais fraca e mais cansada,
 A dama ainda falou, muito pálida e triste:
 — “Germano, ajude agora ao meu rapaz
 Compreendo que estou chegando ao fim,
 Sê a ele fiel,
 Dê a ele o respeito, a estima e a bondade
 Que você sempre deu a mim...”

O filho ajoelhou-se, em pranto comovente,
 E clamava, ao beija-la, ansiosamente,
 — “Mãe, perdoa-me e vive, mãe querida!...”
 Entremostrando o anseio de falar,
 Ela, porém, lhe deu o último olhar,
 Deu-se, de todo, a isso, fez-se forte
 E descansou, por fim, dizendo, ao entregar-se à morte:
 — “Louvado seja Deus!... Deus te abençoe, meu filho!...”

21

Canção da Fé

Se a tua fé não vê ou ainda não viu
A presença da lágrima ou do espinho
Para vencer nos lances do caminho,
Os perigos da marcha e as surpresas da treva.

Se a tua fé não ouve ou ainda não ouviu,
Entre as flores que leva
Desde o berço da crença até agora,
O insulto em que a maldade se avigora,
A fim de que lhe dês,
Outra vez e outra vez,
O apoio da paciência e a lição da bondade...

Se a tua fé não encontrou ainda
Algo que a desagrade,
Na tarefa bem-vinda
Que te impele a servir ao amor e á verdade.

Se a tua fé não teve ou ainda não tem
Ofensas a perdoar e injúrias a esquecer,
No sublime dever
De amparar, socorrer ou levantar alguém...

Se enfim, a tua fé não conheceu
Angústia ou desabrigo,
Se ela não sofre ou ainda não sofreu
Golpes do orgulho vão,
Escárnio, desafio, tentação,
Para que aprendas, coração amigo,
Resistência e humildade,
A tua fé, portanto,
Não passa, por enquanto,
De um sonho que não veio à realidade!...

Porque a fé verdadeira
Que redime e renova a Humanidade,
E vale, em tudo para a vida inteira,
A fé que tanto ama e anda de rastros
Quanto vibra e se eleva para os astros,
Fé valente e profunda,
Que inspira, exemplifica, ergue e fecunda,
Será sempre obtida na batalha,
Na Terra ou Mais Além,
No coração que luta ou se estraçalha
Para a glória do Bem.

22

História de um cão

Falávamos de amor, de heroísmo e ternura,
Nos caminhos da Terra, em lutas naturais,
Quando um amigo lembrou: “não se deve esquecer
O amor dos animais”.

E contou comovido:

— Quando na Terra, um pobre cão rafeiro
Que eu nunca soube de onde vinha,
Fez-se meu companheiro
Na tapera isolada que eu mantinha.
Era um cão vagabundo, um desses cães,
Cujo medo de banho desconsola,
Vendo-lhe a boca enorme e as bochechas caídas,
As crianças chamavam-no Beiçola.
Bernento e preguiçoso, muitas vezes,
Procurei desterrá-lo,
Mas Beiçola voltava e me seguia
Estivesse eu a pé ou trotando a cavalo.
Já não sabia o que fazer do cão,
Que já me habituara a suportar
Num misto de amizade e de aversão.
Certa manhã de Sábado, eu devia,
Ir do campo à cidade,
A fim de resgatar antiga conta
Cujo prazo vencia.
Montei no meu pequirá muito cedo
De merenda robusta na sacola,
E pus-me alegremente no caminho
Acompanhado por Beiçola.
Desmontei-me às dez horas para o almoço,
Transportando a merenda para baixo,
Ao pé de velha ponte que cobria
Um pequeno riacho...
Alimentei-me à farta e dei ao cão
Tudo que me sobrou da refeição...
Tomei de novo a montaria

Açoitei o animal para seguir depressa,
 O débito a pagar daquele dia,
 Mas uma cena estranha então começa.
 Beiçola, de ordinário, pachorrento,
 Intentava correr, de lado a lado,
 Em uivos e latidos...
 Depois correu à frente,
 Como a querer parar o pequirá assustado.
 O cão dependurava-se nos freios,
 Enquanto eu lhe gritava nomes feios;
 Espanquei-o a chicote, mas em vão...
 E cansado de vê-lo a pular, doidamente,
 Concluir, de repente,
 Que a doença da raiva atacara meu cão...
 Agi sem medo, rápido e seguro,
 Dei-lhe um tiro com o fim de elimina-lo,
 De modo a defender-me e a livrar meu cavalo.
 Beiçola então soltou doloroso gemido,
 Caminhou para trás, claramente ferido,
 Enquanto fui em frente...
 Mas atingindo o banco e buscando o gerente,
 A fim de resgatar a minha conta inteira,
 Debalde procurei minha carteira...
 No assombro que me toma,
 Notei que me faltava grande soma...
 Decerto que perdera o dinheiro em caminho
 Pois saíra com ele da fazenda...
 Deliberei voltar ao local da merenda,
 Pedi ao chefe amigo aguardar mais um pouco
 E aflito, semilouco,
 Remontei o cavalo e voltei de corrida...
 Regressando ao lugar em que estivera...

E o amigo rematou, emocionado:
 — Só então compreendi quão ingrato que eu era...
 Sabem o que encontrei?
 Após seguir pequeno espaço
 Todo ele marcado em sangue, traço a traço,
 Achei Beiçola já sem vida...
 E ao arrasta-lo para um canto,
 Vi, sob o corpo dele, a estremecer de espanto,
 A carteira perdida...
 Ah! Como me doe o coração
 De susto e de emoção!...

Não sei dizer tudo o que sinto,
Por muito que lhes conte,
Meu pobre cão rafeiro,
Cuja lembrança está sempre comigo,
Arrastou-se ferido e, após ganhar a ponte,
Morreu fiel e amigo,
Guardando o meu dinheiro.

23

A mensagem da rocha

O homem caído em fundo desalento,
Perante imensa dor, cruelmente sofrida,
Fora ao topo da rocha, a passo triste e lento,
Desejando escapar às lágrimas da vida.

Senti-se cansado, em abalo profundo,
E queria fugir, ante as provas do mundo...

Mais de trezentos metros... E atingira
O ápice da altura
De que estava à procura
Para a queda fatal;
Mas enquanto antevia o momento final, fitando enorme abismo,
a esperá-lo em silêncio,
Quando brando torpor lhe invade o corpo e vence-o
Surge-lhe a indecisão, lamenta-se, medita,
Quando escuta assombrado,
De alma tremente e aflita,
A voz da própria rocha,
Cujo penhasco, em cima, erguia-se-lhe ao lado:
— Para, ouve e reflete, meu amigo,
Não te mates em vão,
Por mais te fira a provação
Não olvides que Deus está contigo.
O sofrimento é vida que te apruma,
Não acharás a morte, em parte alguma...
Declaras-te infeliz, tens o peito magoado,
Afirmas que ninguém te dá valor,
Que não passas de um ser estranho e sofredor,
A morrer de amargura e desagrado;
Por maior seja a angústia em que te expresses,
Tens contigo a razão por Dom divino,
Podes modificar o teu próprio destino,
Quanto a mim, tal qual sou, não sei se me conheces...
Sou a rocha esquecida
Que deve sustentar os processos da vida...

Calço os leitos dos mares,
 Carrego a Terra toda em total disciplina,
 Aceito sem queixar-me a lei que me domina,
 Não sei se o meu trabalho é singelo ou de vulto,
 Sei, porém, que na esteira das idades,
 Suporto sobre mim os campos e as cidades
 Sem que ninguém me anote o esforço oculto...
 Sou o piso dos rios e das fontes,
 Protejo entre os arados e os tratares,
 Desde o vale mais baixo à eminência dos montes,
 O cultivo dos frutos e das flores.
 Devo, porém, dizer-te que, além, disso,
 Desde as eras passadas,
 Sempre sofri com rudes marteladas...
 Picaretas, formões e outros instrumentos
 Arrebentam-me a forma, entre golpes violentos;
 Aos que me espancam devo abrir os braços
 A fim de que me arranquem aos pedaços.
 Os homens que me buscam
 Ferem-me sem cessar com lâminas e limas,
 Fazem comigo casas e obras-primas,
 Não se lembram, porém, na agressão que me alcança,
 Que Deus, em mim, lhes guarda a vida e a segurança...
 Agora, em minha dor, por mais gema e mais grite,
 Estraçalham-me o corpo a dinamite.
 Mas em nada lastimo as lutas que confesso,
 Busco servir a Deus que me fez tal qual sou,
 Para guardar o mundo e estender o progresso.
 Sou em minha aspereza,
 Por determinação da natureza,
 Alto poder vencido,
 Mas Deus que é tudo em todos sempre foi
 O Anônimo Esquecido...

Depois de longa pausa, a rocha ainda lhe diz:
 — Vive, trabalha, sofre, aprende, luta,
 Não olvides que Deus te acompanha e te escuta,
 Nem te esqueças que podes ser feliz.

O homem desanimado transformou-se,
 Abraçado ao penhasco, ele, o quase suicida,
 Suplicou a chorar: — Perdoa-me, Senhor!
 Ouvi a voz da pedra... Agora entendo a dor
 A fim de compreender a grandeza da vida.

E erguendo para o Alto os braços seus,
Traduzindo a alegria em pranto ardente,
Exclamou, reverente:
— Obrigado, meu Deus!

24

Tempo e vida

Depois da morte é que vemos,
Quando a luz se nos revela,
Quanta sombra e bagatela
Guardamos no coração.
Quantos lamentos inúteis
Complicavam-nos a vida,
Quanta palavra perdida,
Quanto tempo gasto em vão!...

Quantas horas desprezadas,
De espírito desatento
Nos enganos de um momento
Que o próprio tempo desfaz!
Quanta contenda improfícua,
Quanto disfarce no rosto
Que se transforma em desgosto
Furtando a esperança e a paz.

Alma querida, não creias
Seja a morte o fim de tudo,
O tempo — esse sábio mudo —
Concede-nos voz e vez,
Acompanha-nos o passo,
Age, segundo a segundo,
E nos conhece o mundo
Tudo aquilo que se fez.

Ama, esclarece, abençoa,
Sofre e luta, mas não temas,
Ninguém vive sem problemas,
Onde estiver e onde for;
Vida é lavoura perfeita,
Morte é o braço que a preserva,
Que só replanta ou conserva
O que se faz por amor.

25

A enfermeira do além

Ela, a querida irmã desencarnada,
Fizera-se enfermeira,
Aliviava a dor, de estrada a estrada,
Era uma espécie de bondade inteira,

Socorrendo aos irmãos que a morte
Espalhava nas trevas...
Há trinta anos servia,
Sem escolher lugar, trabalho ou dias.
Naquele imenso mar de sombra, o tempo parecia
Uma chaga mental sem esperança
De melhorar ou desaparecer...

Certa feita, contudo, a grande obreira alcança
Uma estranha mulher, deitada numa furna;
Embora não tivesse a morada carnal,
Estava cega e só, deformada e ferida,
Patenteando a dor que lhe marcara a vida.
Ao ouvi-la gemer,
A irmã dos infelizes,
Pões-se, em campo, a cumprir
O que considerava por dever.
Impressionada, ao vê-la de mais perto,
A missionária, indaga, a peito aberto:
— Irmã, ouço-te o choro, há muitas horas,
Por que tens tanto fel nas lágrimas que choras?
A pobre murmurou, pausadamente:
— Ai de mim! O que sou e de onde venho?
A memória não dá para lembrar...
Sei mostrar simplesmente as misérias que eu tenho...
Há muitos anos, quantos já nem sei,
Fui menina feliz num grande lar...
Recordo muito mais as dores que causei...
Minha mãe me queria
Para exaltar a natureza,
Num misto de elegância e de beleza,

E falava que eu era uma rosa entre as rosas,
 Fosse para enfeitar as festas deleitosas
 Ou estender no mundo o aroma da alegria...
 Minhas aspirações caíram, uma a uma,
 Minha mãe não me quis em profissão alguma,
 Vestia-me, orgulhosa, o corpo esbelto e fino,
 Dizia que brilhar traçava-me o destino...
 Casei-me, tive um filho e, depois de dez anos,
 Troquei meu lar feliz por prazeres mundanos,
 Meu esposo rogava o meu regresso em vão.
 Meu filho fez-se logo um belo rapagão,
 Vendo-me as aventuras, certo dia,
 Ele, menino e moço, veio visitar-me,
 Condenou-me os costumes sem alarme,
 Falou e lamentou-se em voz severa,
 De conhecer por mãe a mulher má que eu era...
 De cabeça alterada em cocaína,
 Revoltei-me, ataquei-o...Atrás de uma cortina
 Apanhei um revólver no meu quarto,
 Voltei à sala e apertei o gatilho,
 Num tiro certo, assassinei meu filho!...
 Depois de vê-lo morto, junto a mim,
 Voltei a arma contra o próprio peito
 E matei-me por fim!...
 Em seguida, a pausa demorada,
 Contou a própria vida e deu o próprio nome...

Na pavorosa mágoa que a consome
 A mulher prosseguia, consternada:
 — Nunca mais vi ninguém das pessoas que amei
 Para mim, tudo é noite e a noite me carrega
 Porque vivo sozinha, triste e cega
 Decerto obedecendo alguma lei
 Que não sei compreender nem explicar...

A enfermeira caiu em pranto ardente
 E indagou da mulher, amargamente:
 — E se encontrasses neste mar de trevas
 Nos furacões de dor a que te levas
 A mãe que te entregou à rebeldia,
 Teu coração que chora a perdoaria?
 — Nada tenho a perdoar —
 Disse a pobre atada ao sofrimento —
 Minha mãe era um anjo em forma de mulher,

Jamais a esquecerei, um momento sequer,
Ela vivia, em tudo, a trabalhar por mim
Não teve qualquer culpa de meu fim...
Se só me fez o bem, fui eu quem fiz o mal...
Do amor que ela me deu
Fiz todo um lamaçal...
Ninguém pode encontrar motivos de censura
No carinho de alguma criatura
Que nos dê uma lâmpada sublime,
Se lhe usarmos a luz para fazer um crime...

A enfermeira abraçou-a a encharcar-se de pranto
E quando a jovem triste e atormentada
Perguntou-lhe entre aflita e altamente intrigada,
Por que razão ela chorava tanto,
A benfeitora apenas respondeu:
— Deus louvado!... Encontrei o que procuro,
Venceremos na Terra do futuro,
Filha do coração, a tua mãe sou eu!...

26

Súplica de todas

Companheiros enganados
São tantos que, às vezes, penso
Que ninguém conseguiria
Enumerá-los num censo

A nomes de cada um...
Enquanto estive na terra,
Via este quadro comum:
Nas sendas por onde vão,
Nunca soube o que pediam
Por dentro do coração.

Passavam como eu passava,
Uns de carro, outros a pé,
Muitos deles se arrastavam
Clamando falta de fé.

Quantos nobres cavalheiros
Seguiam de frente erguida,
Intentando dominar
As fontes da própria vida!...

Outros muitos caminhavam,
Face triste e passo lento,
Revelando sem palavras
Amargura e sofrimento.
De muitos, eu me afastava,
Ao vê-los em grandes crises,
Agressivos, revoltados,
Coléricos e infelizes...

Quantas mulheres passavam
Arquitetando aventura!...
Guardava comigo a ideia
De vê-las arrebatadas
Aos turbilhões da loucura.
De muitas somente ouvia
Os mais arrojados planos
Para conquista de laços
Que acabam em desenganos,

Outras seguiam adiante,
Indiferente à vida,
Tristes irmãs desprezadas,
De alma doente e sofrida.

Via passar homens fortes
Sob estranho cativoiro,
Queriam ouro e mais ouro,
Atolados em dinheiro.
Fitava moças e moços
Parecendo, mais ou menos,
Alucinados da Terra,
Usando estranhos venenos;

Quantos deles se mostravam
Irresponsáveis? Não sei.
Sabia apenas nota-los
Por irmãos fora da lei.

Em minha severidade,
Culpava filhos e pais,
Minhas censuras a esmo
Subiam cada vez mais.
No entanto, a morte surgiu,
Transformou-me, de repente,
Foi então que vi, de perto,
As lutas de tanta gente...

Esses passantes do mundo
Que encontrara, face a face,
Nunca haviam merecido
Palavra que os condenasse.

Morando agora, no além,
Conheço, em alta razão:
Ninguém caminha na terra
Buscando reprovação.

Sei hoje a grande verdade
Que sinto e não sei expor:
Todos nós, dentro da vida,
Pedimos somente amor.

27

Paterno Amor

Na entrada do asilo,
Um homem robusto, jovem e tranquilo,
Apresentava o pai, um velho que contava
Oitenta e dois janeiros de existência,
À funcionária atenta que o ouvia...
Após sentá-lo num pequeno banco,
Falou à moça em tom seguro e franco:
— “O velho já não sabe o que pensa ou o que diz,
A gritar e a gemer de exigência a exigência,
Formou de minha casa
Um recanto infeliz,
Cujo clima de luta é fogo que me arrasa.
Não quero ver meu filho
Crescendo com o avô inconveniente,
Quero-lhe a internação
De modo permanente.
Quanto custa a pensão?”

A moça respondeu indiferente:
— “A pensão é de quatro mil cruzeiros
A serem pagos mensalmente”.
O senhor fez o cheque
Fazendo o pagamento da quantia
E depois de informar que voltaria,
Foi-se ao pai fatigado, explicando ao velhinho:
— “Meu pai, aqui é a nossa casa de descanso
Terás aqui mais sossego e carinho,
Ao voltarmos da Europa
Virei buscar-te, imediatamente”.

O pranto deslizou sobre a face enrugada
E o velho respondeu em voz tremente:
— “O que será, meu Deus? Que medonho empecilho!...
Estar aqui a sós, sem te encontrar, meu filho!...
E como aguentarei a falta de meu neto?
Não queria afastar-me de meu teto!...”

Peço por Deus!... Não te demores
E vem logo buscar-me..."

O filho replicou, quase asperamente:
— "Sem dúvida, meu pai, que podes esperar-me,
Mas não faças alarme...
Nada fará de mim um filho diferente;
Creio que ao fim do mês que vem,
Regressarei como convêm..."

Mas o moço partiu e nunca mais voltou,
E ante a expressão do velho, triste e amarga,
Notava-se que o filho ali se despedira
Como quem se desliga de uma carga,

Agindo alegremente.
O velhinho viveu por lá, três anos,
De saudade, de dor e desenganos
A esperar pelo filho desertor;
A fadiga alterara-lhe a memória,
Não sabia contar a própria história,
Declarava-se um rico possuidor
De terras e fazendas produtivas,
Mas entregara tudo ao filho sem amor
Numa procuração,
Sem julgá-lo capaz de alguma ingratidão,
E embora o filho lhe pagasse o asilo,
Sem questionar o preço,
Não lhe enviava notas de endereço...

Após trinta e seis meses de clausura,
O velhinho ralado de amargura,
Morreu clamando a falta da família...
O cadáver desceu à vala da indignância,
Por fim se lhe acabara a penosa existência.
Mas o tempo não para em parte alguma...
Quarenta anos passados,
De coração batido e passos retardados,
O homem que internara o esquecido velhinho,
Nota que a morte chega a cercar-lhe o caminho,
poderoso senhor, não consegue expressar-se
Sob qualquer disfarce,
Tomba, inerte, no leito,
E ante o infortúnio da separação,

Grita por Deus, quer vida e proteção,
Mas a morte o reclama... o corpo se lhe esfria...

Vê-se desencarnado, em noite atroz,
Terrível e sombria...
Chora quase sem voz,
Quando sente que alguém lhe toma o cérebro cansado,
E lhe diz brandamente:
— "Filho do coração, não te aflijas, nem temas,
Acabaram-se agora os teus problemas;
Confia em Deus, não percas a esperança,
Acalma-te e descansa..."

E beijando-lhe os cabelos,
Dedos mostrando carinhosos zelos,
Exclamou com ternura:
— "Agora, sim, achei minha ventura,
Eu sou teu pai!... Meu filho, estou aqui...
Amo-te agora, mais do que te amava,
E só Deus sabe a dor com que eu chorava
Com saudades de ti!..."

28

Encontro da Fé

Busquei a Natureza procurando
Definições da Fé para que, enfim, pudesse
Reter comigo a força da esperança
E compreender, de todo, a mensagem da prece.

Fiz a pergunta ao Mar e o Mar me disse:
— Em Deus, deponho a minha própria fé,
Mas devo criar vida e equilibrar o mundo,
Desde a treva abissal à fúria da maré.

A Árvore me explicou: a Deus me entrego,
O Grande Deus do Eterno e Sumo Bem,
Muito embora, no entanto, apedrejada
Devo servir sem perguntar a quem...

A Fonte esclareceu: em Deus me guardo,
Pai da Beneficência e do Progresso,
Compete-me, porém, suportar pedra e lodo,
Ao fecundar o campo que atravesso.

A Roseira falou: pertenço a Deus,
Que me criou na luz de dons renovadores,
Mas, mesmo ao corte que me desfigura,
Não posso me queixar de quem me leva as flores.

Então pensei: a Fé persiste e vence,
Do espírito mais nobre aos mais plebeus,
No coração que serve, age e confia,
Sempre a espalhar amor no amor de Deus.

29

O culpado vê culpas

Ele, bonacheirão, era amigo de farras,
Tinha esposa, dois filhos, compromissos,
Entretanto, apesar dessas amarras,
Prazeres para ele eram doces feitiços.

Homem robusto e rico sustentava,
Companheiras diversas de alegria,
Qual senhor que somente as percebia
De escrava para escrava.

Em certa ocasião,
O nosso cavalheiro,
Dava-se por inteiro
A certo festival de comemorações,
Em cerimônias desdobradas...
Brotavam nas estradas
Palavras e atitudes estragadas,
Era quase a loucura em muita gente...
Dois dias com três noites
De fogos de artifício em céu luzente,
E o nosso amigo usava, instante a instante,
O tempo disponível,
Sem se importar, sequer, com mudanças de nível,
E aparecia sempre acompanhado
Por uma das parceiras
Que trazia de lado...

Por fim, depois de longas bebedeiras,
E de extravio deprimente,
Ei-lo, de volta ao lar, dentro da noite alta...
Era a terceira noite em que estivera ausente
Entretanto,
Não se sentia em falta...
A esposa era a esposa, a mulher diferente,
Que devia viver, atirada num canto,
Sem direito nenhum de reclamar,

Porque sempre dispunha
Do que fosse preciso para o lar.

Ele destranca a porta, de mansinho,
Pé ante pé, segue devagarinho
Para o aposento conjugal...
Mas, avançando, vê que a esposa se debruça
Nos ombros de outro homem,
— Um homem que lhe afaga a cabeleira espessa...
Ele sente-se mal
Nas ideias sombrias que o consomem,
O incêndio do ciúme invade-lhe a cabeça,
Saca de bolso oculto um revolver pequeno
E atira sobre os dois, qual se estivesse louco,
Sob a ação de algum veneno...

O homem tomba morto, após giro instantâneo,
A bala lhe arrasara os recessos do crânio...
A senhora, porém, está ferida...
O marido aproxima-se, interroga,
Ela, contudo, vê que se lhe esvai a vida,
Perdendo o próprio sangue a lhe vaziar do peito;
Tenta, em vão, expressar-se e não encontra o jeito...
Mas colocando as mãos, de balde, sobre o corte
Ela fita no esposo o triste olhar da morte
E responde somente,
Como quem se revela muito dificilmente,
Ao morrer, em seguida a prolongado “ai!”
O homem que você achou comigo
É mais que amigo,
Era o seu próprio pai.

30

Legenda sublime

Alma querida, na Terra,
Se alguma prova te alcança,
Não te percas de esperança,
Luz da fé sempre a brilhar...
Nas crises mais dolorosas,
feitas de dores extremas,
Nunca te aflijas. Não temas,
Nem deixes de confiar.

Se o pessimismo aparece,
Mostrando trevas e males,
Nada comentes, nem fales
Fora da crença no Bem;
Pensa em Deus, lembrando o Sol
Que, em tudo, acalenta a vida,
Do sábio à erva escondida,
Sem menosprezar a ninguém.

Nas mágoas, nos desenganos,
Nos desgostos, nas doenças,
Nas horas duras ou tensas,
Em que te dás ao dever;
Na menor tribulação,
Muito mais que se imagina
A Providência Divina
É luz a te socorrer.

Se sofres, não esmoreças,
Trabalha e serve, alma boa,
Seja onde for, abençoa
As lutas em derredor;
Na alegria ou no infortúnio,
Guarda na fé que te anime
Esta legenda sublime:
— Deus nos dá sempre o melhor.

31

Justiça

Este episódio aconteceu, há tempos,
E está guardado na memória
De quantos compartilham desta história.
Um condenado à morte pela força
Acusado de um crime,
Sem proteção a que se arrime,
Tudo aceitou sem reclamar.
A hora da execução chegara, enfim...
Muita gente na praça se adensava
No intuito de aplaudir
A presença da morte, em estranho festim.

Explodiam na tarde clara e quente
Estas palavras de clamor:
— “Morte ao bandido!... Morte ao matador!...”

O prisioneiro chega e encontra o sacerdote
Que o seguirá na cena derradeira...
Em torno, a multidão
Gritava rumorosa e galhofeira...
Mas entre o padre e o réu se estabelece
A conversa ligeira
Que o povo crê, no fundo, condensar
O amparo de um conselho e a benção de uma prece
Que o ministro de Deus promove com pesar.

— “Filho — diz o pastor — sei que estais inocente,
Posso agora dizer a verdade,
Questão de consciência e lealdade
Que preciso estender a toda gente...”

— “Padre, como sabeis?”
— Interrogou ansioso o réu aflito —
“Se estou no fim, segundo as nossa leis?”

O sacerdote amigo
 Aconchegou-se mais ao penitente
 E lhe falou, paternalmente:
 — “Na semana passada,
 Ouvi a confissão inesperada
 Do homicida infeliz...
 Ele morreu comigo, após contar-me
 Calculando as palavras, uma a uma,
 Que não tendes culpa alguma...
 No derradeiro alento,
 Cansado de remorso e sofrimento,
 Pediu-me vos livrasse, ante as autoridades,
 Documentadamente,
 Porquanto, ele somente
 É o responsável pelo crime
 Que vos foi imputado injustamente,
 E devo executar-lhe as últimas vontades”.

No entanto, o sentenciado
 Estampando na face uma expressão de horror,
 Disse, em tom abafado:
 — “Padre amigo,
 Nesse crime, não fui o matador;
 Quanto a isto, já sei,
 Mas deixai que se cumpra a exigência da lei”.

E, fitando o pastor, de modo inesquecível,
 Rematou, afinal:
 — “A justiça é de Deus e o remorso é terrível...
 Recordai vosso irmão assassinado,
 Há quase cinco anos,
 Por entre espancamentos desumanos?
 O rapaz despojado
 Da fortuna de um banco que trazia?
 Aquele vosso irmão que amáveis tanto,
 Pelo qual vossa mãe morreu de saudade e de pranto,
 Cuja morte no mundo
 Permanece envolvida em mistério profundo?”
 O sacerdote ouvira, trêmulo e assombrado
 Mas nada respondeu...
 Após comprida pausa, disse o condenado:
 — “O assassino fui eu...
 Não me livreis da força a me entregue,
 Já não aguento mais a culpa que carrego...”

Pálido, o sacerdote
Exclamou, fatigado:
— “Para mim, já não sois o sentenciado,
Sois também nosso irmão,
Mereceis nosso amor,
Em nome do Senhor,
Estais vós perdoado...”

Mas, nisso, a multidão
Crendo haver terminado aquele entendimento,
Que lembrava um dialogo discreto,
Avançou sobre o preso, em tumulto completo...
Não houve qualquer tempo
Para maior explicação.
Aos gritos delirantes
De “morte ao matador”,
Sob a guarda robusta
Que tomara feitiço protetor,
O infeliz a tremer, triste e descalço,
Subiu ao cadafalso...

Alguns momentos mais,
E o corpo entremostrando angústia indefinida,
Balançava sem vida.
E, na turba, a gritar, perante a horrível cena,
Entre vaias finais e assovios plebeus,
O sacerdote em pranto,
Sem que o povo lhe ouvisse a palavra serena,
Murmurava, sozinho, em pequeno recanto:
— “A justiça é de Deus... A justiça é de Deus...”

32

Indulgência e nós

Quando ofensas te visitem
Não revides, alma boa,
Ama, trabalha, perdoa,
Não penses mal de ninguém;
A pessoa humilha e fere
Quando não sabe o que custa
Fugir à lei nobre e justa
Com que Deus preserva o bem.

Aversão, cólera, insulto,
Inveja, impulso violento
Discórdia, ressentimento
Desespero e orgulho vão.
No fundo, somente expressam
Enfermidades da mente
Que esperam de toda gente
O amparo da compaixão.

Quando a injúria te ameace,
Age e constrói, serve e lida,
A gente guarda na vida
Somente aquilo que fez.
Todos estamos na escola,
Hoje, há quem erre e se gabe,
Amanhã, talvez... Quem sabe?
Chegue também nossa vez.

33

Canção do tempo

Ao homem que caíra em franco desalento
O Tempo apareceu, qual companheiro atento,
E falou-lhe, depois, com carinho invulgar:
— Amigo, não te dês à tristeza vazia,
O Céu nos recomenda em cada novo dia:
— Servir e prosseguir, trabalhar, trabalhar...

Isso é de lei na própria Natureza,
Quando a tormenta cai sobre a erva indefesa,
Qual gigante rugindo a pleno ar,
A vida a renascer do vale à serra,
Determina, em silêncio, ao coração da Terra:
— Servir e prosseguir, confiar, confiar...

O rio ataca os muros da represa,
Esbraveja, ante as forças de defesa,
Buscando a fuga por qualquer lugar;
Vence, depois, sem freio que o detenha:
E a água proclama quando se despenha:
— Servir e prosseguir, trabalhar, trabalhar...

Para a semente vale por insulto
O gesto que a retém num canto oculto,
Qual se fora um veneno a desprezar;
Mas, atenta à recôndita energia,
Germina procurando o sol que canta de alegria:
— Servir e prosseguir, confiar, confiar...

Quem aceitou do Céu, como um favor divino,
Burilar-se a sofrer e guarda por destino
O dom de se esquecer e auxiliar,
Por mais lute nas trilhas em que avança,
Ouve em si a palavra da esperança:
— Servir e prosseguir, trabalhar, trabalhar...

O Homem que se pusera, enternecido, à escuta,
Sentiu-se aliviado, ante os riscos da luta,
E o Tempo rematou, pedindo-lhe pensar:
— Mágoas e provações? Trabalha por vencê-las,
E feliz ouvirás a canção das estrelas;
— Servir e prosseguir, confiar, confiar...

34

Cantiga da vida

Escuta, alma querida,
Se a provação te alcança
E te amarfanha a vida,
Não te dês à revolta
Nem percas a esperança.

Embora tolerando luta permanente,
Seja ela qual for,
Segue o dever que se desdobre à frente,
Sem maldizer a própria dor.

Deus modifica o sofrimento aceito,
Em grandeza, progresso, alegria, proveito...

Na Terra, em tudo aquilo que admiras,
Do chão que cria a erva ao céu que infunde a paz,
A qualquer tempo, em tudo encontrarás,
Semelhante lição na estrada em que respiras...

No solo retalhado a golpes de tratores,
O campo se converte em toucado de flores.

A semente largada à cova estranha e escura
Renasce do abandono, em beleza e verdura.

A árvore na poda, humilhada e desfeita,
Acrésceta a abastança e a força da colheita.

Da rocha perfurada a fonte se descerra,
Espalhando conforto e enriquecendo a terra.

Posto ao calor gigante, em supremo embaraço,
O minério dá forma às estruturas de aço.

Madeira que o serrote alinha, morde e apara
Faz-se na construção a peça nobre e rara.

Pérola de alto preço em brilho evanescente
É riqueza a surgir de uma ostra doente.

O pão que, em todo o mundo, é divino legado
É um presente do Céu no trigo massacrado.

Água que se sujeita aos preceitos da usina
Gera auxílio e poder, revigora e ilumina.

Assim também, alma querida e boa,
Ante a luz do trabalho, dia-a-dia,
Na lei da evolução para crentes e ateus,
A presença da dor que nos fere e avalia
É socorro da vida e proteção de Deus.

35

Prece por auxílio

Compadecer-te, meu Deus,
Dos companheiros em prova,
Cujas vidas se renovam
Somente a preço de dor...
Não deixes errante em trevas
Aquele que se perdeu
Nas tramas do próprio “eu”,
Sem ver-te a bênção de amor.

Meu Deus, ajuda a quem vai
Sem apoio a quem se arrima,
Na ruda estrada do crime,
Vivendo a revolta e o mal;
Inspira, ampara e esclarece
A pessoa envilecida,
Mostra-lhe a força da vida,
Na vida bela e imortal.

Auxilia-nos a todos
Entre pedras e entre espinhos
Dos nossos próprios caminhos,
Que fizemos tais quais são...
Senhor da Misericórdia,
Em tua bênção de luz,
Queremos seguir Jesus
Nas trilhas da redenção.

...Se o pessimismo aparece,
mostrando trevas e males
nada comentas, nem fales fora
da crença no Bem...

36

Prece de louvor

No louvor que te ofertamos,
Pelas bênçãos que nos dás,
Em forma de luz e paz,
Esperança, fé e amor,
Cantamos nós, igualmente:
— Jesus, por todas as crises
Das horas menos felizes,
Louvado sejas, Senhor!...

Pelos instantes de angústia
Que a tristeza nos descerra,
Quando encontramos na Terra
Tribulações a transpor,
Pela ferida que sangra,
Quando a dor nos toma o peito,
Por qualquer sonho desfeito,
Louvado sejas, Senhor!...

Pelas fadigas da luta,
Que travamos dentro em nós,
Quando nos vemos a sós,
Varando sombra e amargor,
Pelos calvários da vida,
Pela cruz com que nos levas,
Vencendo provas e trevas,
Louvado sejas, Senhor!...

37

Aviso

Está sendo procurado.

Homem considerado Galileu.

Trinta e três anos.

Pele clara e expressão triste.

Cabelos longos e barba maltratada.

Marcas sanguinolentas nas mãos e nos pés.

Caminha habitualmente, acompanhado de mendigos e vagabundos, doentes e mutilados, cegos e infelizes.

Onde aparece, frequentemente, é visto, entre grande séquito de mulheres sendo algumas de má vida, com crianças esfarrapadas.

Quase sempre está seguido por doze pescadores e marginais.

Demonstra respeito para com as autoridades, determinando se dê a César o que é de César, mas espalha ensinamentos contrários à Lei antiga, como sejam:

- o perdão das ofensas;
- o amor aos inimigos;
- a oração em favor daqueles que nos perseguem ou caluniam;
- a distribuição indiscriminada de dádivas com os necessitados;
- o amparo aos enfermos, sejam eles quais forem;
- e chega ao cúmulo de recomendar que uma pessoa espancada numa face ofereça a outra ao agressor.

Ainda não se sabe se é um mágico, mas testemunhas idôneas afirmam que ele multiplicou cinco pães e dois peixes em alimentação para mais de cinco mil pessoas, tendo sobrado doze cestos.

Considerado impostor por haver trazido pessoas mortas à vida, foi preso e espancado.

Sentenciado à morte, com absoluta aprovação do próprio povo, que o condenou, de preferência à Barrabás, malfeitor conhecido, recebeu insultos e pedradas, sem reclamar, quando conduzia a cruz às costas. Não se ofendeu, quando questionado pela Justiça, complicando-se-lhe a situação, porque seus próprios seguidores o abandonaram nas horas difíceis.

Sob afrontas e zombarias, foi crucificado entre dois ladrões.

Não teve parentes que lhe demonstrassem solidariedade, a não ser sua Mãe, uma frágil mulher que chorava aos pés da cruz.

Depois de morto, não se encontrou lugar para sepultá-lo, senão lodoso recanto de um túmulo por favor de um amigo.

Após o terceiro dia do sepultamento, desapareceu do sepulcro e já foi visto por diversas pessoas que o identificaram pelas chagas sangrentas dos pés e das mãos.

Esse é o homem que está sendo cuidadosamente procurado.

Seu nome é Jesus de Nazaré.

Se poderes encontrá-lo, deves segui-lo para sempre.

